

**Conexão e uso: análise de uma proposta de leitura do gênero miniconto no livro didático***Connection and use: analysis of a mini-tale genre reading proposal in the textbook*Adriana dos Santos Pereira BARRETO<sup>1</sup>

**Resumo:** Levar minicontos para a sala de aula não é tarefa fácil, pois a concisão que caracteriza textos desse gênero requer um leitor mais maduro que seja capaz de compreender e interpretar uma narrativa contida em tão poucas palavras. As autoras Dileta Delmanto e Laiz B. Carvalho optaram por trazer minicontos para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental no livro didático destinado a essa série que integra a coleção “Português: conexão e uso”. Assim, neste artigo será feita uma análise a respeito da proposta de leitura de minicontos trazida por elas, bem como reflexões sobre as concepções de texto e gênero nas quais se baseia o material didático de sua autoria.

**Palavras-chave:** Miniconto. Livro didático. Leitura. Gênero textual.

**Abstract:** Bringing short-stories to the classroom is not an easy task because the conciseness that characterizes texts of this genre requires a more mature reader who is able to understand and interpret a narrative contained in so few words. The authors Dileta Delmanto and Laiz B. Carvalho chose to bring short-stories for 9th grade elementary school students in the textbook for this series that integrates the collection "Portuguese: connection and use". Therefore, in this article, an analysis will be made about the short-stories reading proposal brought by them, as well as reflections on the conceptions of text and genre on which the didactic material of their authorship is based.

**Key words:** Short-story. Textbook. Lecture. Textual genre.

## 1 Introdução

Os livros didáticos utilizados nas escolas públicas brasileiras são submetidos a uma avaliação minuciosa do Ministério da Educação e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e integram o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Dentre as coleções para os anos finais do Ensino Fundamental aprovadas no PNLD 2020-2023 está “Português: conexão e uso”, da Editora Saraiva, cujas autoras são Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho – ambas licenciadas em Letras e atuantes como professoras das redes estadual e particular de São Paulo, sendo a primeira mestra em Língua Portuguesa pela PUC-SP e a segunda mestra em Literatura Brasileira pela USC-Bauru-SP. Cada livro traz oito unidades com várias seções que abrangem os objetos de ensino e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por meio de conteúdos e sugestões de atividades que podem ser ajustados a depender da realidade vivenciada nas diversas instituições escolares do país.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo PROFLETRAS-UFPE, especialista em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica (FEPAM) e graduada em Letras/ Português e Inglês (UFPE). Atua como professora na rede municipal do Paulista-PE (Ensino Fundamental) e na rede estadual de Pernambuco (Ensino Médio). E-mail: adrianaspbarreto@gmail.com

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

Nos exemplares do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, as autoras trazem uma apresentação na qual se dirigem aos alunos que irão utilizá-los, assim explicitando as suas expectativas:

Esperamos que as atividades deste livro propiciem a você oportunidades de refletir sobre a realidade que o cerca, de se expressar, de decidir como agir em relação aos desafios que a vida impõe, de perceber a importância de atribuir sentidos aos textos que preenchem o cotidiano e de conhecer as inúmeras possibilidades que as diferentes linguagens oferecem. (Carvalho; Delmanto, 2018, p.3).

Carvalho e Delmanto também formularam uma apresentação para os professores que irão utilizar a coleção “Português: conexão e uso” em sala de aula, afirmando a importância de que eles se vejam como coautores do projeto e não apenas o considerem como receita a ser seguida. Assim, conforme o Manual do Professor, a finalidade da obra para os docentes é “apoiar e enriquecer sua prática cotidiana de modo a torná-la cada vez mais produtiva e adequada à sua realidade e à de seus estudantes” (Carvalho; Delmanto, 2018, p.3).

O Manual do Professor reúne orientações acerca dos conteúdos e atividades propostos no livro do aluno, além de expor detalhes estruturais da coleção e apresentar os pressupostos teórico-metodológicos que lhes servem como guia. É sobre um recorte desse material – exemplar do 9º ano – que serão feitas algumas considerações, notadamente sobre a abordagem textual e a proposta de leitura de minicontos contidas nas seções “Leitura 2” e “Exploração do Texto” da Unidade 1 (páginas 29 – 35 do livro do aluno). Ao trazerem o gênero miniconto para o livro didático dessa série, as autoras seguem as indicações da BNCC de gêneros adequados para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, conforme se verifica a seguir:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – (...) minicontos (...) expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (Brasil, 2018, p.187)

Sendo assim, este artigo pretende: a) oferecer uma breve discussão teórica acerca dos conceitos de leitura, texto e gênero que norteiam o trabalho das já mencionadas autoras; b) tecer uma análise da proposta de leitura de minicontos trazida por elas com base nesses conceitos.

## 2 Leitura, texto e gênero: discussão teórica

Dentre as prováveis posturas diante de qualquer texto, Geraldi (1984) cita a leitura para: a busca de informações; para o estudo do texto; como pretexto; e para a fruição do texto. O autor afirma que, quaisquer relações de interlocução com o texto/autor tornam-se possíveis perante qualquer texto, “isto porque mais do que o texto definir suas leituras possíveis, são os múltiplos tipos de relações que com eles nós, leitores, mantivemos e mantemos, que o definem.” (Geraldi, 1984, p.81)

Compreensão semelhante é compartilhada pelas autoras da coleção “Português: conexão e uso”, ao assegurarem que

ler é uma prática social que atende a diferentes objetivos: ler por fruição, ler para fazer uma pesquisa, ler para obter uma informação, ler para saber mais sobre determinado assunto etc. A partir de seu repertório, por meio da leitura, todo leitor constrói uma rede de significados acerca do mundo e de si mesmo, mesclada ao que já sabia e ao que aprende, avançando em seu letramento e se tornando proficiente. (Delmanto; Carvalho, 2018, p.10)

A leitura é uma prática social de inegável importância para o exercício da cidadania; sendo assim, entende-se que a escola – instituição fundamental para a formação dos cidadãos – é o lugar ideal para o fomento dessa atividade. No entanto, o trabalho com textos no ambiente escolar precisa considerar a diversidade antes de tudo, conforme orienta Beserra (2007): “diversidade de gêneros textuais e, nesses, a diversidade de ideologias que, de resto, traduzem a diversidade do nosso próprio cotidiano; diversidade de suportes e usos sociais; diversidade de situações didáticas e de material didático” (p.46).

O contato com a diversidade dos gêneros nas aulas de português, principalmente a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, está previsto na BNCC, pois entende-se que os alunos dessas turmas já conseguem participar de diferentes situações comunicativas com mais criticidade. Sendo assim, o texto do documento oficial afirma:

No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências. (Brasil, 2018, p. 136).

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

Observa-se, pois, que os autores de livros didáticos têm se empenhado para oferecer aos estudantes materiais que lhes permitam o encontro com novos gêneros, advindos de linguagens contemporâneas, dentre os quais o miniconto. Trata-se de um texto que facilmente chama a atenção por ser ágil e moderno; geralmente é divulgado em blogs, jornais, mídias sociais etc. Conforme Spalding (2012),

observando a produção contemporânea, parece evidente que o miniconto, ou minificção, tem conquistado seu espaço também no Brasil, seja pela grande massa de leitores e escritores de internet que o país tem, seja pela influência da literatura hispano-americana, seja pela pressa do leitor contemporâneo e a impaciência cada vez maior com a leitura. (p.75)

Carvalho e Delmanto decidiram selecionar esse gênero para figurar dentre os que são explorados no livro da última série do Ensino Fundamental e, neste artigo, será analisada a proposta de leitura de minicontos sugerida por elas. Entretanto, sabe-se que a abordagem da prática de leitura recomendada pelas autoras baseia-se em algumas concepções teóricas que fundamentam toda a coleção “Português: conexão e uso”. Serão analisadas duas dessas concepções que são essenciais para direcionar o processo de leitura: texto e gênero.

## 2.1 Texto

A leitura é um fenômeno complexo a respeito do qual existem várias abordagens e questionamentos. É que não se trata de simples decodificação de símbolos, tendo em vista o papel significativo do leitor durante o ato de leitura. Segundo Orlandi, não apenas o autor do texto, mas também o leitor é capaz de produzir sentidos e configurar o processo de leitura, pois quando lemos “estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada” (Orlandi, 2000, p. 59).

As autoras da coleção “Português: conexão e uso” afirmam que

a relação entre leitor e texto deve ser vista como uma relação de confronto que sempre ocorre entre os interlocutores: são relações sociais, históricas, mediadas por objetos (os textos). Se entendermos que o texto possui essas diferentes dimensões, devemos tomar estas últimas como algo que não apenas envolve o texto, mas também é parte constitutiva dele. (Carvalho; Delmanto, 2018, p.8).

Dessa maneira, pode-se afirmar que o texto se constitui no processo de interação suscitado pela leitura. Custódio Filho e Magalhães (2010) consideram que “o texto emerge de

um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção de sentidos” (p. 58). Ou seja, o texto vai além de mera materialização do discurso. Como afirma Soares (2000), “o texto não preexiste à sua leitura, e leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa.” (p. 26) Seguindo essa mesma concepção, Carvalho e Delmanto (2018) concordam que “o interlocutor está presente não só quando produz sentidos para a leitura, mas também no momento da produção, pois a existência do outro é condição para que exista texto” (p.8).

Por fim, Cavalcante *et al* (2019) chamam a atenção para a irrepetibilidade do texto, pois a um mesmo enunciado podem ser atribuídos sentidos diferenciados quando proferido em situações distintas. Na verdade, se o mesmo indivíduo fizer a leitura de um mesmo texto em diferentes momentos, já encontrará novos sentidos e novas interpretações como se fosse tudo inédito. Os autores trazem essa concepção de texto como “evento” baseada em Beaugrande (1997), e então asseguram que “o texto acontece cada vez que se enuncia, de maneira única e irrepetível, em um contexto sócio-histórico. Os elementos que imprimem sentido a um texto são, de fato, singulares para cada situação” (Cavalcante *et al*, 2019, p. 28).

## 2.2 Gênero

Qualquer que seja a interação entre interlocutores, estará organizada por meio de algum dos infinitos gêneros textuais. De acordo com Marcuschi (2008), a partir do momento em que os indivíduos se constituem como seres sociais, acham-se envolvidos em uma máquina sociodiscursiva. Ele assegura que do domínio e da manipulação dos gêneros textuais, que são os instrumentos mais potentes dessa máquina, dependem significativamente a forma de inserção e poder sociais.

Interação social, tempo e espaço – são esses três aspectos apontados por Bezerra e Reinaldo (2012) como influenciadores dos gêneros que lhes dão características aparentemente contraditórias: flexibilidade e estabilidade. As autoras explicam que os gêneros são flexíveis, mas ao mesmo tempo são tipificados e isso lhes dá a estabilidade. Sobre isso, elas afirmam que

essas características de flexibilidade e estabilidade, à primeira vista contraditórias, nos levam a entender que eles estão enraizados em práticas sociais e, como essas mudam e evoluem, os gêneros também se modificam e se reestruturam, atendendo

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

às necessidades de seus usuários e, ao mesmo tempo, criando necessidades sociais. (Bezerra; Reinaldo, 2012, p.75).

Faz parte da natureza dos gêneros estarem imbricados nas atividades socioculturais; portanto, sendo “fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros” (Marcuschi, 2005, p. 29). De acordo com Bakhtin (1997, p. 279), cada esfera da atividade humana “comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.”

A respeito disso, Bezerra (2005) faz uma observação relacionada aos livros didáticos quando diz que “havendo, na sociedade atual, uma grande variedade de textos exigidos pelas múltiplas e complexas relações sociais, é necessário que o livro amplie sua variedade textual” (p.43). As autoras do livro “Português: conexão e uso” asseguram que

o trabalho com gêneros nas práticas interativas relacionadas a textos escritos, orais e multissemióticos desenvolve, além da competência linguística e semiótica do estudante, sua competência discursiva, pois possibilita a produção de textos adequados a determinada finalidade e, igualmente, a recepção de textos de maneira crítica, considerando suas condições de produção, já que permite capturar, para além dos aspectos estruturais, linguísticos e semióticos e de organização presentes, também aspectos culturais e sócio-históricos. (Carvalho; Delmanto, 2018, p.8).

É certo, portanto, que a aprendizagem dos vários gêneros que circulam entre a sociedade promove a ampliação não só da competência linguística como da competência discursiva dos alunos. Além disso, como o gênero possibilita que se exerçam ações sobre a realidade, permite aos estudantes maneiras de participação social. Cabe à escola proporcionar um ensino de gêneros não apenas sob um viés estrutural, mas auxiliar os discentes no processo de desenvolvimento da consciência crítica, levando em consideração o contexto real da produção e também da recepção dos gêneros.

### **3 Conexão e uso: análise da proposta de leitura de minicontos**

#### **3.1 Seção: leitura**

Em cada unidade do material didático analisado, há duas seções de leitura, nos quais os textos são tomados como objetos de ensino e cuja exploração pretende relacioná-los a: organização composicional, temática, linguagem, função social, contexto de produção, recursos linguísticos e semióticos e seus efeitos de sentido.



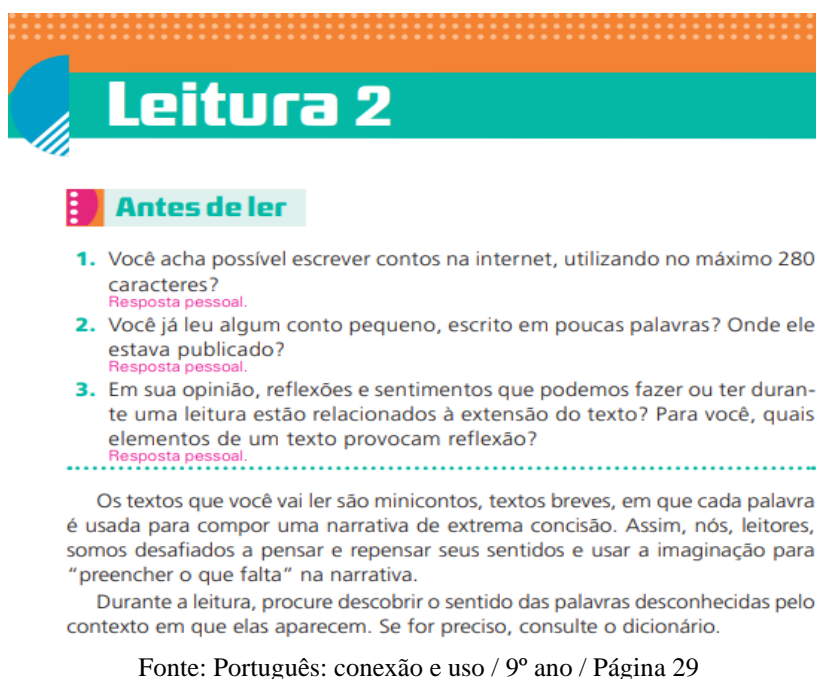
DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

Caso sejam textos literários, o objetivo é a formação de leitores literários capazes de experimentar a fruição estética, apreciar uma obra criticamente, descobrir e valorizar novos autores, ampliar o repertório e compreender a literatura de forma lúdica e também humanizadora.

### 3.1.1 Subseção: antes de ler

Conforme o Manual do Professor, nesta subseção é realizada uma sondagem a fim de estabelecer uma ligação do gênero a ser estudado com os conhecimentos prévios dos alunos; é uma forma de provocar o interesse e criar expectativas sobre a leitura a ser feita, conforme demonstra a figura a seguir:

Fig. 1 Leitura



**Leitura 2**

**Antes de ler**

1. Você acha possível escrever contos na internet, utilizando no máximo 280 caracteres?  
*Resposta pessoal.*
2. Você já leu algum conto pequeno, escrito em poucas palavras? Onde ele estava publicado?  
*Resposta pessoal.*
3. Em sua opinião, reflexões e sentimentos que podemos fazer ou ter durante uma leitura estão relacionados à extensão do texto? Para você, quais elementos de um texto provocam reflexão?  
*Resposta pessoal.*

Os textos que você vai ler são minicontos, textos breves, em que cada palavra é usada para compor uma narrativa de extrema concisão. Assim, nós, leitores, somos desafiados a pensar e repensar seus sentidos e usar a imaginação para “preencher o que falta” na narrativa.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Fonte: Português: conexão e uso / 9º ano / Página 29

As perguntas 1 e 2 estão mais relacionadas às características estruturais do texto (“conto pequeno”, “no máximo 280 caracteres”) e ao seu suporte (“internet”, “onde ele estava publicado”). Já a pergunta 3 traz dois questionamentos: o primeiro é mais interessante porque conduz os discentes a pensarem se existe ou não uma relação direta entre a extensão do texto e as reflexões/sentimentos por ele suscitados; o segundo não ficou tão claro, talvez seja uma pergunta à qual os alunos não saibam responder e necessitem de explicação mais completa do

docente. Beserra (2007, p. 55) diz que “a formulação da atividade de compreensão leitora deve ser suficientemente clara a fim de dispensar maiores esclarecimentos”.

Logo em seguida, o gênero miniconto é brevemente anunciado como sendo um texto bastante conciso e que, por isso, os leitores precisam meditar bastante e imaginar para “preencher o que falta” na narrativa. O uso de aspas pelas autoras talvez indique um modo mais simples de explicar aos alunos que eles serão realmente a peça-chave para a construção de sentidos dos minicontos. Como disse Marcuschi (2000), “já que o texto não tem inscrito em si todos os sentidos objetivamente, o leitor deve ser ativo, produtivo e criativo em sua ação individual de ler” (p.45). Não se trata de “preencher o que falta”; trata-se de uma interação na qual o leitor emprestará elementos de seu universo, de suas relações com o mundo, do lugar que ocupa na sociedade para que o sentido do texto se complete.

### **3.1.2 Subseção: box do autor**

Nessa parte, são apresentados alguns dados sobre o autor e sua obra com a finalidade de colaborar com a contextualização no momento da leitura. Cosson (2021) pontua a importância de se mencionar autor e obra ao introduzir uma leitura com os alunos, porém adverte que os professores tenham cautela para que “a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos” (p.60).

As autoras trouxeram minicontos de seis autores diferentes e fizeram breves apresentações sobre eles como se observa na figura 2.



DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

Fig. 2 Autor



**Texto 1**  
**Fumaça**

Olhou a casa, o ipê florido.  
Tudo para ela.

Suspendeu a mala e foi.

BRITO, Ronaldo Correia de. Fumaça. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 183.

**Marcelino Freire**  
(1967-) é um escritor pernambucano reconhecido pelos seus contos que conciliam temas atuais e a tradição oral nordestina. Organizou uma coletânea de minicontos, na qual constam diversas produções de autores que foram desafiados a escrever contos com até 50 letras.

Fonte: Português: conexão e uso / 9º ano / Página 29

### 3.2 Seção: exploração do texto

Destinada ao estudo do texto, esta seção visa explorar estratégias de leitura que possibilitem ao estudante novas habilidades que o capacitem em sua formação como leitor por meio de textos que ampliem o seu letramento. Carvalho e Delmanto (2018) explicam que

a organização dessa seção é produto do entendimento de que a leitura é uma construção que envolve tanto o produtor do texto como o leitor. A habilidade do leitor para interpretar as pistas do texto depende tanto de uma maior ou menor aproximação dos sentidos pretendidos pelo autor como da possibilidade de atribuir novos sentidos pertinentes ao que está escrito. (p.23)

A seção inicia com o excerto de um texto que explica a diferença entre nanocontos, microcontos e minicontos, mas as autoras avisam que vão sempre se referir a todas as categorias como minicontos, pois todas elas exigem concentração máxima e participação significativa do leitor na atribuição de sentidos. Logo em seguida, como se nota na figura 3, partem para indagações a respeito de elementos de grande importância: os títulos.

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

Fig. 3 Títulos

2. a) Parte dos títulos dos minicontos funciona como uma cena a mais da narrativa, diferente dos outros contos, em que os títulos têm a função principal de sintetizar o enredo.

2. Releia os minicontos e observe seus títulos.

- a) É possível notar que os títulos condensam informações importantes para a compreensão dos minicontos. Quais são as duas funções que podemos identificar nos títulos dos textos lidos? Explique.
- b) Escolha dois minicontos, cada um referente a uma função identificada, que possam servir de exemplo para sua resposta ao item anterior. Explique as relações que você estabeleceu entre os contos e seus títulos.
- Resposta pessoal.

Fonte: Português: conexão e uso / 9º ano / Página 32

Nota-se que a primeira pergunta está em um nível elevado para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Com certeza os discentes identificariam a relevância do título em minicontos, mas não saberiam precisar as duas funções solicitadas e ainda explicá-las se antes não houvesse algum comentário do professor nesse sentido. Ademais, sem conseguir identificar o que se pede na primeira pergunta, os estudantes também não responderiam a segunda, já que versa sobre a mesma abordagem específica em relação às duas funções dos títulos dos minicontos: podem funcionar como uma cena a mais da narrativa ou sintetizar o enredo.

Beserra (2007) comenta acerca da importância das questões sobre título e organização textual, pois atendem ao critério da coerência global do texto e “ajudam a identificar os tópicos e argumentos principais, levando o leitor a formular hipóteses” (p. 56). São excelentes oportunidades de se trabalharem as inferências, porém há outras maneiras de conduzir o alunado à formulação dos sentidos pretendidos sem ser por meio de questões taxativas e difíceis.

Algumas abordagens interessantes foram feitas em relação aos seis minicontos selecionados, tais como:

- a) Percepção de elementos implícitos e explícitos que compõem a narrativa;
- b) Inferências acerca do ambiente em que se passa a narrativa;
- c) Análise dos tempos verbais que deixam pistas sobre o tempo da narrativa;
- d) Identificação de características do narrador por meio do foco narrativo;
- e) Apreensão de características do narrador por meio do enredo apresentado;
- f) Possibilidade de múltiplos sentidos em algumas frases;
- g) Compreensão do porquê da escolha de determinada palavra para o título;

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

- h) Captação de sentidos ao observar a escolha do nome do personagem;
- i) Comparação entre alguns minicontos;
- j) Intertextualidade;
- k) Reflexões e críticas sociais.

Obviamente que todos esses elementos não poderiam ser explorados em um único miniconto, até mesmo por se tratar de um texto extremamente conciso. Por isso as autoras optaram pela seleção de seis minicontos a fim de conseguirem abordar esses itens alternadamente entre eles. No Manual do Professor, sugere-se que as atividades desta seção sejam realizadas em duplas ou trios para que os alunos possam discutir sobre os textos e juntos aprofundarem a leitura destes.

### **3.2.1 Subseção: recursos expressivos**

Esta subseção está interligada à seção “Exploração do texto” e promove a análise de elementos discursivos e também recursos linguísticos e gramaticais que são característicos do gênero miniconto. Foram analisados, por exemplo, o uso dos dois pontos em textos distintos por meio da pergunta: “Que efeito o uso dos dois pontos causa nesses trechos? Explique”. É um tipo de pergunta que confere autonomia ao aluno para perceber a importância dos sinais de pontuação num texto de tão curta extensão. Além disso, também foram explorados nesta subseção os efeitos obtidos através de:

- a) Denotação e conotação;
- b) Orações coordenadas;
- c) Conectivo com duplo sentido;
- d) Jogo com as palavras;
- e) Figuras de linguagem etc.

### **3.2.2 Subseção: para lembrar**

Após todo o processo de leitura, com fruição e ao mesmo tempo exploração de aspectos relevantes do texto, as autoras disponibilizaram em um esquema as características principais

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

do gênero trabalhado (figura 4). É um conhecimento necessário que pode servir como base, por exemplo, para atividades de produção textual.

Fig. 4 Características

Para lembrar	
Miniconto	
Intenções principais	Divertir e proporcionar reflexão sobre situações e comportamentos.
Organização	Desenvolvido a partir de um único conflito.
	Elementos narrativos sintetizados e concisos.
	Narrado em 1ª ou 3ª pessoa.
	Tempo e espaço reduzidos.
	Descrição mínima dos personagens, do tempo e do espaço.
Linguagem	Uso de poucos personagens.
	Concisa.
	Uso de jogo de palavras ou de figuras de linguagem.
	Denotativa ou conotativa, dependendo da intenção do autor.

Fonte: Português: conexão e uso / 9º ano / Página 35

#### 4 Considerações finais

O presente artigo objetivou analisar a proposta de leitura e exploração textual com base na escolha de um gênero que está em evidência na atualidade (o miniconto – assim como o nanoconto e o microconto) em um livro didático direcionado aos alunos da última série do Ensino Fundamental. São textos breves, porém densos; é necessário que o discente leia, releia e reflita, para então ser capaz de captar o sentido (ou os sentidos) que emanam de tão poucas palavras.

Para os alunos do 9º ano que já estão na transição para o Ensino Médio, é de grande valia esse tipo de atividade que explora os elementos de compreensão textual, bem como os efeitos advindos de recursos linguísticos e gramaticais que colaboram para a coerência global do texto.

Ainda há muito a ser discutido para que o momento de leitura nas escolas seja profícuo e interessante, em vez de ser um processo penoso e enfadonho para os estudantes. Como bem disse Beserra (2007), devem ser estimuladas e aplaudidas todas as análises realizadas com o intuito de ampliar os debates em busca de caminhos para um trabalho significativo e relevante

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

com textos no ambiente escolar, e as que viabilizam a análise crítica de atividades didáticas sugeridas nos manuais de ensino.

### Referências

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access do knowledge and society.** Norwood: Ablex publishing corporation, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BESERRA, Normanda da Silva. Avaliação da compreensão leitora: em busca da relevância. *In:* MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Lívia (orgs.) **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica.** 1. ed., 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. *In:* Bezerra, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel (orgs.) **Gêneros Textuais & Ensino.** 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 37-46.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. Gêneros Textuais como prática social e seu ensino. *In:* REINALDO, Maria Augusta; MARCUSCHI, Beth; DIONÍSIO, Ângela (orgs.) **Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino.** Recife: Editora Universitária, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: [basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br). Acesso em: 22 jul. 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí, v.12, n.2, p. 56-71, 2010.

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; Brito, Mariza Angélica Paiva; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana Leite; PINTO, Rosalice Botelho Wakim Sousa; PINHEIRO, Clemílton Lopes O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo. Contexto, 2021.

DELMANDO, Dileta; CARVALHO, Laís B. **Português: conexão e uso, 9º ano, ensino fundamental, anos finais**. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2018. Suplementado pelo manual do professor.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. *In*: GERALDI, João. Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula: Leitura & Produção**. 2. ed. Cascavel, ASSOESTE, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: Bezerra, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. (orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs). **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs). **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2000.



DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p023037

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs). **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2000.

SPALDING, Marcelo. Presença do miniconto na literatura brasileira. **Revista Conexão Letras**, v. 7, n. 8, p. 65-76, 2012.